

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS



13

ERNESTO
MONACI

EDIÇÃO CORRIGIDA DE UM ARTIGO
DA REVISTA LUSITANA—VOL. XXII

TIPOGRAFIA SEQUEIRA, LIMT.
114, RUA JOSÉ FALCÃO, 122—PORTO

4800
CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS

~~HC~~
33618

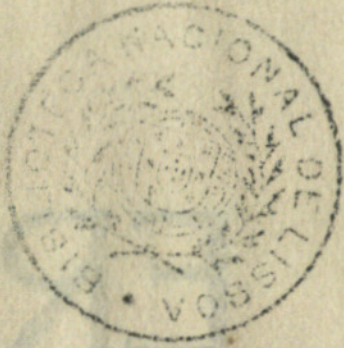
ERNESTO
MONACI



P. 84256

EDIÇÃO CORRIGIDA DE UM ARTIGO
DA REVISTA LUSITANA—VOL. XXII

CAROLINA MICHAELIS DE WISCONSIN



MONTAGNA
MONTAGNA

100

REVISTA LUSITANA - VOL. XXII
CORRIGIDA DE FIM PRIMO

REVISTA LUSITANA - VOL. XXII
CORRIGIDA DE FIM PRIMO

132 May
22-Mi-19

ERNESTO MONACI

Finou-se na capital da Itália, a 1 de Maio de 1918, um benemérito de Portugal, restituídor a êste país de belos e importantes monumentos do seu passado literário: o ilustre Romanista **Ernesto Monaci**. Contava 74 anos. Nascido em 1844, discípulo de Graziadio Ascoli, de Milão, grande poliglota e iniciador do estudo científico da complicada dialectologia italiana, Monaci foi nomeado professor de filologia neo-latina na Universidade de Roma em 1870. Essa distinção merecera-a por estreias importantes, relativas às literaturas arcaicas da Itália e Provença, mas sobretudo à época trovadoresca de Espanha e Portugal.

Durante toda a sua carreira de professor, distinguiu-se por iniciativas fecundas, erguendo o nível do ensino universitário.

Se não foi o primeiro, seguramente foi um dos primeiros Romanistas que tiraram das trevas de bibliotecas textos inéditos dos períodos arcaicos.

Igualmente foi um dos primeiros que compreenderam a utilidade de os verdadeiros originais, na impossibilidade de os apresentarmos aos estudantes, serem substituídos por fac-símiles (heliotípias), e não por edições impressas, quer paleograficamente, quer criticamente.

Nesse sentido publicou em 1880 um texto francês — *O mistério de Santa Inês* — em reprodução fotográfica, e posteriormente colecções de fôlhas soltas nos cinco principais idiomas neo-latinos, de sorte que professores e estudantes podem hoje adquirir originais por preço relativamente diminuto.

Como fundador da primeira Revista italiana da sua especialidade, introduzira na língua nacional, no título dela, o termo técnico de *Filologia romanza*.

Na publicação dessa *Rivista di Filologia Romanza*, cujo proémio assina, fôra auxiliado por L. Manzoni e E. Stengel (2 vols., 1872-75). Continuou-a só, depois de leve interrupção, transformada em *Giornale di Filologia Romanza* (2 vols, 1878-83), e de 1884 em diante até 1902, primeiro como *Studj di Filologia Romanza* (9 vols.), e finalmente como *Studj romanzi* (outros 9 vols. até 1914) em fascículos soltos, que saíam a intervalos livres.

Juntamente com Francisco d'Ovidio elaborou Manuais científicos para uso dos alunos das Faculdades de Letras: I, *Spagnuolo* (1879); II, *Portoghese e Gallego* (1881), volumitos em que, além das Gramáticas, redigidas pelo colaborador, há boas selectas de textos arcaicos e Glossáriosinhos da lavra de Monaci.

Para nós, Portugueses, a parte mais importante da sua actividade é todavia a publicação integral do *Cancioneiro do Vaticano*, a que já aludi, e a dos Inéditos do *Cancioneiro Colocci Brancuti* (em que ajudou Enrique Molteni, seu discípulo, prematuramente falecido).

Essas duas colecções trovadorescas, que, completando-se, constam de 1647 cantigas (1205 e 442), são, como sabem todos os estudiosos, fonte do nosso saber a respeito do primeiro período da lírica peninsular: a apregoada era de D. Denis, em que o idioma ocidental, galego-português, servia de veículo a todos os trovadores, segreis e jograis hispânicos. Fonte caudalosa, mas não única, visto que nas laudas membranáceas do *Cancioneiro da Ajuda* possuímos um pecúlio muito mais próximo dos originaes (310 cantigas, das quais apenas 65 são contudo privativas dessa colecção). Além delas, existem quatro centos e tantos textos sagrados do século XIII: hinos e milagres, publicados como *Cantigas de Santa Maria*, em 1889, e atribuidos a Afonso X, o Sábio, de Castela e Leão.

As 310 composições do CA, bastantes do CV, como por ex. as del rei D. Denis, e algumas do CM, tinham vindo à luz, de 1800 em diante, durante a primeira e fecunda revisão científica das literaturas românicas. E o próprio Diez se tinha ocupado, com intuição e critério admirável, da poesia trovadoresca portuguesa (1863). Mas nenhuma das publicações anteriores à edição de Monaci (trinta e seis no Catálogo razoado que intercalei no meu *Cancioneiro da Ajuda*), nem mesmo todas juntas, tem o valor dela.

Aparecida em 1875, ao cabo de um lustro de árduo labor, essa edição do *Cancioneiro do Vaticano* não apresenta ao leitor um

texto criticamente depurado. É reprodução *diplomática*, destinada a substituir para o leitor o original, i. é. o Códice cartáceo 4803 da livraria dos Papas, que o Humanista Angelo Colocci, de Jesi, vivamente interessado pelo estudo comparativo das literaturas e línguas neo-latinas, mandara tirar para seu uso (no último quartel do século xv, ou no primeiro do xvi) de outro original mais antigo, provavelmente membranáceo, já bastante deteriorado, e hoje desaparecido. Escrito com tinta corrosiva sobre papel inferior, êsse apógrafo, já quatro vezes secular, estava e está exposto a cada vez mais rápida destruição.

Por isso Ernesto Monaci julgou, optimamente, que o primeiro trabalho necessário era dar uma edição rigorosamente diplomática; e reproduziu o códice página a página, linha a linha, letra a letra, conservando todas as siglas e todos os erros cometidos pelos copistas italianos de 1500; assim como a numeração e paginação antiga, diferenciando também as escrituras diversas.

Não se contentou todavia com isso. Prestou aos deturpados textos os primeiros socorros de que careciam. Ajudado por F. A. Coelho (de saudosíssima memória, visto que se seguiu ao amigo quasi imediatamente), escreveu notas que contém numerosas propostas metódicas de restituição, um catálogo dos principais erros do copista, uma tabela das abreviaturas, um índice onomástico, etc. Estabeleceu que a mão, diversa da dos amanuenses, que escrevera rubricas e notas marginaes, era de Angelo Colocci. Para o provar publicou um *Índice autógrafo* dêste, tirado de outro Cancioneiro português mais completo. Numa palavra, ministrou elementos preciosos para a restauração dos textos.

Quando pouco depois de 1875 appareceu por um feliz acaso — perto de Jesi! — na livraria do Conde Paulo Antonio Brancuti aquelle segundo Cancioneiro, cujo *Índice* mencionei, mais completo do que o do Vaticano, comquanto também esteja mutilado, — Monaci dirigiu os trabalhos do seu discípulo, e acompanhou o Cancioneiro Colocci-Brancuti de advertência preliminar. Nela promete o exame crítico das partes comuns aos dois códices, convencido de que *sómente sobre a base de tal estudo e da lista das variantes se poderá fixar a lição definitiva das Cantigas.*

Antes que apparecessem as duas edições, Monaci já dera duas vezes amostras de textos, escolhendo, com gosto acertado, não *Cantigas de amor* no gosto monotono dos Provençais, mas sim *Cantigas de amigo*, concebidas em estilo popular, segundo tipos tradicionais, comuns às principais nações românicas:

cantigas em que falam meninas em cabelo, dançando em dias primaveris em volta de árvores floridas, ou peregrinando a lugares de romaria. Ofertou a amigos como presente de núpcias, segundo um gentil costume italiano, *plaquettes* com 17 *Canti antichi* (1873) e uma dúzia de *Cantos de ledino* (1875) nome aplicado por A. F. Coelho e T. Braga ao género, por interpretação errónea de um trecho do *Crisfal* e relativa a um cantar que principia:

*Yo me iba, la mi madre,
a Santa Maria del Pino.*

Posteriormente Monaci deu ainda provas variadas do entusiasmo com que ia explorando o Cancioneiro Colocci-Brancuti.

Em 1885 tentou por ex. restituir e interpretar os fragmentos em prosa de uma *Poética* que no Códice precedem as Cantigas.

A todas as perguntas que, preparando o *Cancioneiro da Ajuda*, lhe dirigi (1880 a 1890), respondeu sempre com gentileza. E generosamente comunicou em 1894 ao editor do *Cancioneiro de D. Denis*, o Norte-Americano Henry R. Lang, as variantes do segundo Códice.

Veio todavia um tempo em que escondeu o tesouro, que adquirira por compra em 1888, declarando a todos os solicitantes que não o mostrava a ninguém, nem comunicava nada a respeito dele, e deixando de publicar o prometido estudo sobre as variantes, que seguramente já elaborara e de que tanto necessitamos.

Porquê seria?

Não se pode dizer que o mundo se tenha mostrado ingrato aos serviços prestados por Monaci. Artigos de louvor, e sobretudo estudos importantes e valiosos foram ecos da sua voz. No meu catálogo, não completo, registei quarenta obras, entre edições críticas (Lang), propostas de correcções (Epifânio Dias), avaliações estéticas (Menendez e Pelayo), traduções (Storck), imitações (João de Deus, Afonso Lopes Vieira), biografias de trovadores (C. M. de V.), análises de géneros poéticos (Lang), aparecidas de 1875 a 1899. E depois vieram trabalhos notáveis de Oskar Nobiling, Hanssen, Armin Gassner, J. Huber, Aubrey Bell, Dr. Leite de Vasconcellos e alguns mais.

Nem mesmo quanto à Hispânia, e em especial quanto a Portugal e à Galiza, há razão de falarmos de indiferença. Os nomes que já citei, aos quais podia acrescentar os de Bonilla,

Salazar, Murguia, Arana, Said Armesto, Oviedo y Arce de um lado, e do outro lado os de J. J. Nunes, Pedro de Azevedo e principalmente o de T. Braga, altamente atestam o desejo dos estudiosos de prestar homenagem ao ilustre Italiano.

Factos se deram todavia que provocaram as iras e o retraimento dele. Sei de três, ou de quatro, se contarmos como tal a falta de qualquer distinção outorgada a Ernesto Monaci com aparências de espontaneidade pelo Govêrno português e pela Academia das Sciências de Lisboa.

Desagradou-lhe o lento avançar do meu Cancioneiro da Ajuda, publicado afinal, por causa do carácter diverso que eu lhe dava, não como Parte Terceira das *Communicazioni dalle Biblioteche di Roma e da altre Biblioteche per lo Studio delle Lingue e delle Letterature Romanze*, conforme a princípio se planeara, mas independentemente. Nem o aplacaram os dezassete testemunhos da minha ocupação não-infecunda com os Cancioneiros, que sucessivamente publiquei como *Randglossen* e em artigos relativos ao *Cancioneiro de D. Denis*.

Mais, muito mais do que os meus vagares, desagradaram-lhe todavia as pressas impetuosas de T. Braga. Não os artigos que publicava em Revistas, relativos a géneros poéticos e cantigas como *Leonoreta fin roseta*, mas sim a publicação imediata dos textos *popularizados*, tornados legíveis, como *Edição Crítica restituída* (1878). Empreendida e realizada sem os prévios «*longos e múltiplos estudos*» que Monaci recomendara, considerou-a, aplaudido por todos os amigos e admiradores e principalmente pelo desinteressado editor de Halle (Max Niemeyer), como acção má, digna de censura, por mais que eu lhe explicasse que T. Braga acudira, precipitadamente sim, mas com sincero entusiasmo, ao outro desejo, por êle formulado, que o Cancioneiro fosse rapidamente objecto de novos estudos».

Depois, houve agravantes. Em 1899 um aliás notável Académico e Sócio da Sociedade de Geografia atribuiu abertamente ao benemérito professor de Roma os erros e as deturpações dos copistas de 1500, e fez a proposta que um Português tirasse nova e melhor cópia. E o próprio Teófilo Braga projectou que os três Cancioneiros profanos entrassem sem demora em nova edição nos *Monumentos Históricos de Portugal*.

Tais insultos contra a sua honra profissional fizeram transbordar o copo já cheio de amarguras que mãos portuguesas tinham preparado ao erudito lusófilo.

A dívida de honra, assim contraída pelo país, poderá ser paga agora, visto que os herdeiros do nosso bemfeitor resolveram vender o Cancioneiro Colocci-Brancuti.

Oxalá o Govêrno, informado pelo nosso ministro em Roma, o adquira e deposite na livraria da Academia das Sciências; e a ilustre corporação facilite e impulsione os trabalhos que a posse do volume nos imporia.

Como nota final direi que o lusofilismo de Ernesto Monaci parece ter perdurado até o seu fim, apesar dos desgostos indicados, os quaes eu já deixara veridicamente expostos no vol. II do meu *Cancioneiro da Ajuda*, talvez com demasiada imparcialidade.

Na sua última obra — *Facsimili di Documenti per la Storia delle lingue e delle letterature romanze raccolte da Ernesto Monaci*, 2.^a Série, Roma, 1913 — estão reproduzidas nas laudas 112-114 três folhas de um manuscrito da Biblioteca do Vaticano (col. 275^b-278^a do códice 7182), que contém, com algumas leves divergências, os cinco importantísimos *Lais de Bretanha* com que abre o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*.

Se Ernesto Monaci vivesse, pode ser respondesse à Carta que a êsse respeito lhe dirigi. E as nossas relações se reatassem. E eu conseguisse que fossem publicados os estudos ineditos que provavelmente, de novo o digo, deixou também aos herdeiros!

Pôrto, 13 de Maio de 1919*.

* Só nessa data chëgou a Portugal a noticia do falecimento, como acontecido em Janeiro.

